

# COMUNICAÇÕES



# Ser cristão católico em 2006

Johan Konings\*

APRESENTO AQUI UMAS REFLEXÕES não propriamente acadêmicas, mas que talvez ajudem os acadêmicos cristãos, e de modo especial os católicos, embora eu acredite que também os irmãos de outras confissões podem ler com interesse e, quiçá, com proveito estas linhas. Talvez alguém se assuste quando numa revista de universidade se fala num tom pastoral cristão e até confessional, católico. Ora, a universidade católica não deve oferecer somente a tal de ciência, mas também mostrar o porquê da contribuição científico-pedagógica que ela pretende prestar, e esse porquê é, precisamente, a vontade de servir, que seu guia, Jesus de Nazaré, lhe legou. Vontade que, concretamente, se encarna numa instituição confessional, porém, a serviço de todos.

Procederei pelo método popular do ver, julgar e agir, mas sem ser esquemático.

Olhando em redor, percebe-se não apenas uma gritante pobreza material e um ainda mais gritante contraste com a riqueza de uns poucos. Percebe-se, sobretudo, uma grande miséria interior. Miséria, digo, não pobreza, porque no discurso cristão “pobre” soa quase nobre. A miséria de que quero falar é a que se revela nas frases desconexas que os alunos escrevem na redação para o vestibular, na incapacidade de ler e escrever quando chegam ao fim do segundo grau, na inutilidade da escola para encaminhar-se na vida, na superficialidade das relações amorosas, na escravidão em relação à publicidade e o consumo. Depois que a indústria da moda começou a colocar a marca (grife!) por fora, muitas pessoas também parecem casacos virados para fora. A interioridade se foi...

\* Mestre em Filologia Bíblica e Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Lovaina; Pesquisador e autor de diversos livros na área bíblica. Professor de Teologia Sistemática do Instituto Santo Inácio – FAJE, Belo Horizonte (MG), e membro do NET – Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas.

Por outro lado, enquanto estava fazendo um retiro na abadia das beneditinas, vi muitos/as jovens passar por ali. Mas não para ficarem. As noviças não completam seu tempo, vão embora. Dificuldade em comprometer-se para a vida. O mesmo se diga dos casais. Os/as jovens percebem o mal-estar, mas não encontram um caminho seguro, uma estrada transitável, uma vereda adentrável no grande sertão dessa vida que é chamada pós-moderna, embora às vezes nem atinja o limiar da civilização.

Aliás, não só os jovens estão nessa. Multidões acorrem às “tendas de milagres”, aos “templos da fé”, que funcionam na base de potentes alto-falantes. Parece que a salvação já não vem do alto, mas de quem grita mais alto. Talvez por analogia dos bailes onde o som se substitui à música, a frenesi muscular à beleza da dança, os quadris à quadrilha... Não é de admirar que os políticos troquem a palavra dada pela gorjeta recebida. As absolvições políticas são da mesma natureza que os milagres encomendados e as curas combinadas. E os descarregos e apostas com Deus têm a mesma lógica que a loteca e o jogo do bicho.

Miséria interior, sertão ressequido, enquanto o grande rio agoniza e ainda lhe querem tirar as águas.

Até aqui este lamento mineiro.

Mas onde quero chegar?

Quero confrontar isso com o que entendo por ser cristão. “Ser cristão” é o título de um caderno baratinho que escrevi para o grande público (3ª edição brasileira pela Editora Vozes). Aí explico que Jesus não foi o Messias esperado, o “salvador da Pátria”, mas o Messias inesperado, o “filho do homem” que é também o Filho de Deus, porque se dedicou ao amor que Deus tem por todos os seus filhos. Ele até deu sua vida por eles quando o poder deste mundo não agüentava mais sua palavra. Mas Deus, com seu Espírito que é Sopro de Vida, o fez ressurgir e o mostrou vivo aos que nele tinham posto sua fé e esperança. Pois ele era “o Justo”: era ele quem tinha razão, não “o mundo” que o rejeitou. Em cada palavra do Sermão da Montanha, que muitas vezes nos parece exagerado e meio louco, percebemos que, no fundo, ele tem razão. (Neste sentido, fiquei impressionado ao reler o livro do pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, **Discipulado** [trad. brasileira: São Leopoldo: Sinodal, 1980]. Bonhoeffer queria cristãos que levassem a sério sua confissão de fé: a “Igreja confessante”. Como a Jesus, isso lhe custou a vida. Ainda jovem professor de teologia, foi morto pelos nâzis, em 1945, por

ter participado de um atentado contra Hitler). Jesus é o “Justo”, a Luz que ilumina as trevas de nossa barbárie e suscita o conhecimento do mistério divino por meio de palavras singelas, extraídas da cultura de seu povo. Luz transmitida por aqueles que se deixam acender pelo Pai e se tornam luz do mundo, sal que dá sabor e força à sociedade humana.

Meditei sobre isso nos dias de Natal: é a luz de Natal. Essa luz “julga”: condena uma parte, dá razão à outra. Condena tudo o que fica aquém da vocação de “filho do homem” que é a de cada ser humano. Condena a condenação à ignorância que pesa sobre as massas populares, porque a educação nunca foi levada a sério. Condena a política do “mínimo vital”, que impede o pobre de levantar a cabeça e alcançar igualdade e dignidade, se não material, pelo menos humana e moral. Condena as estruturas que ligam o poder ao poder em vez da justiça. Condena também a irresponsabilidade pessoal de tantos que “quererem”, mas não querem realmente. Que constroem sobre a areia, em vez de edificar sobre a rocha firme. Que empreendem sem sentar e ponderar se podem arcar com o custo.

Essa luz que julga dá razão aos que preferem a justiça e a solidariedade à riqueza pessoal. Aos que empenham sua vida, vivendo ou morrendo, para dar vida verdadeira a seus irmãos e até aos inimigos. Aos que se tornam pobres com os pobres, para muitos tornar ricos. Os “filhos da luz”.

Diante disso, que fazer? Não digo: que ações vamos lançar?, mas: que fazer? Pois também pensar é fazer. É a primeira ação propriamente humana, pois somos animais racionais. Não nos percamos no ativismo. Começemos por sentar, ponderar. Proponho que, neste momento, em que até o discurso da libertação e o partido dos trabalhadores estão em crise, façamos uma séria reflexão, para ver se, do ponto de vista da fé em Jesus, os fundamentos foram bem colocados. Será que nós cristãos conscientes estamos baseando nossa compreensão e atuação na luz de Cristo? Será possível ser libertador sem ser libertado, pessoalmente, dos desejos de poder e aparência? Será que não nos deixamos seduzir pelo poder a todo custo, pela ação imediata (pois as eleições se aproximam), pela tentação das “melhoras visíveis”, mas talvez inconsistentes – e cadê as melhoras invisíveis como são a educação e a cultura? Mais a fundo: será que acreditamos realmente naquilo que o olho não vê e o ouvido não ouve, o Espírito, que não se deixa reduzir a nenhuma lei histórica ou dialética

material – o Espírito que ressuscitou Jesus dentre os mortos e nos faz esperar contra toda esperança?

A vida prática do cristão é guiada pela opção consciente e pessoal por Jesus, que chamamos, num sentido totalmente novo, Cristo ou Messias. Ora, tenhamos claro que o Brasil não é um país cristão, ainda que seja o país com o maior número de católicos do mundo. Pois essa grande porcentagem (ora rapidamente decrescente) não significa que o espírito de Cristo oriente as práticas de nossa sociedade. Aliás, será possível uma sociedade ser cristã (ideal da Cristandade)? Cristãs são as pessoas, os que professam sua adesão a Jesus como guia. Em nível de sociedade pode-se, no máximo, falar de inspiração cristã, mas essa facilmente degenera, como mostra a história da Cristandade medieval e moderna. Na Europa, os países que já foram “católicos demais” batem hoje todos os recordes em termos de desistência...

Cristãs são as pessoas que fazem do Jesus do Sermão da Montanha e da Montanha da Cruz o seu Cristo, seu Ungido-de-Deus, unguento não com o perfume dos reis ou o bálsamo dos sumos sacerdotes, mas com o Espírito de Deus. Tais pessoas são o sal da humanidade, fermento na massa.

Daí minha proposta. Começamos pela “família de Deus”, a comunidade da fé cristã. Insistir num “ser cristão” assumido e confesso, sustentado por uma verdadeira iniciação pessoal, que deve acontecer em algum momento da vida. Chega de religiosidade confusa. A identidade cristã é a condição para dialogar sinceramente com os que procuram por outros caminhos a luz da vida.

Ora, para manter firme a consciência de nossa opção e mensagem, é preciso alimentá-la permanentemente. A celebração dominical é o contínuo “refontamento” na palavra bíblica e no memorial de Cristo, que pelo dom de sua vida confirma sua palavra de amor. Mantém viva nossa fé cristã confessa. A Eucaristia é a consumação da iniciação cristã; é lá que se vive o sentido pleno da fé assumida. Ora, muitos dos meus amigos dizem que não têm onde ir à missa. Será? Às vezes parece-me que cada um quer a missa a seu jeito, ou com o grupo de sua preferência. Será isso o espírito do evangelho? A celebração da Eucaristia (ou da Palavra) é obra da comunidade de fé (isso significa a palavra liturgia), deve ser “objetiva”, não eivada de elementos subjetivos muitas vezes de qualidade duvidosa. Mas a comunidade de fé não é somente a paróquia de trinta mil fiéis... O aprofundamento cristão necessita de comunidades menores, integradas no nosso

dia-a-dia, na família, na rua. Cada grupo de cristãos sociologicamente próximos (pela vizinhança, pelo parentesco, pelo contato profissional ou cultural...) deveria ter seu espaço de oração, fosse apenas uma garagem ou pátio ocasionalmente arrumado para rezar um salmo, o divino ofício popular, o tradicional terço (de preferência meditado, não metralhado...). A paróquia seria uma comunidade de comunidades. Em todos os bairros, em todos os ambientes onde vivem os católicos, deveria haver espaços de encontro e de aprofundamento da fé. Os cristãos de outras denominações nos dão o exemplo nesse sentido.

E para isso não se precisa sempre de padre. Nossa gente dá importância demais ao padre, quer padre para tudo. Parece uma figura mágica. No Brasil, há um padre para cada 12.000 católicos. Antes de “alugar” um padre é bom fazer um pequeno cálculo: se esses 12.000 quisessem todos alugar o padre para seus fins particulares, como ficaria?! O padre não é uma pessoa de destaque para enfeitar eventos. Ele é apenas um fiel no meio dos outros, um “leigo” (o que significa: membro do povo de Deus) ordenado para ser colaborador do bispo, para dedicar-se ao serviço da fé de seus irmãos. Sendo que esse serviço não consiste apenas em realizar sacramentos e cerimônias, mas em orientar a comunidade, falar com as pessoas, visitar os fiéis, estudar, instituir a catequese, preparar demoradamente a homilia, para poder dizer muita coisa em pouco tempo... O que os outros fiéis podem fazer por conta própria – rezar, meditar, ler a Bíblia, organizar a solidariedade – façam-no (em sintonia com o bispo, que é propriamente o sacerdote da igreja local), dentro do enorme campo de liberdade que lhes está aberto. É este seu dever de cristão, pois cada evangelizado é evangelizador (Papa Paulo VI).

Os padres estão sendo ocupados de maneira irracional. Veja os casamentos. Não se precisa de padre para assistir casamento; o direito canônico prescreve, além de (apenas) duas testemunhas, a presença de um sacerdote ou diácono, e nas regiões carentes de padres basta um ministro extraordinário. Ora os padres passam o melhor momento pastoral, sábado à tarde, esperando casais atrasados para cerimônias pomposas, em que o compromisso de amor e fidelidade é última coisa que passa pela cabeça! Casamento deveria ser celebrado em celebração comunitária, com um rito simples e de graça – a pompa se pode exibir alhures. Também não é preciso padre para fazer a encomenda ou enterro de um cristão falecido. Há ministros preparados para

isso, que fazem isso com muito mais dedicação que o padre, o qual às vezes é tirado não se sabe de onde. O mesmo se diga do batizado. Os católicos no Brasil ainda não se libertaram do clericalismo e sacramentalismo mágico do passado; pelo contrário, parece que está voltando com toda a força...

Isso quanto à família da fé. E fora dela, na sociedade civil? Parece-me que os cristãos no Brasil temos uma missão especial em relação à educação. Ajudar as pessoas a estruturar sua personalidade e sua vida. Preservar as crianças do “tudo pode, tudo vale”, que é o caos. Oferecer conteúdos, pôr limites e explicar por quê. Então, os projetos sociais, a luta contra a fome, a promoção da saúde encontrarão chão firme em vez de ser um balde sem fundo. Educação em nível institucional e, simultaneamente, também em nível pessoal, pois como poderia alguém que não é capaz de desligar a TV ensinar atitudes conscientes a seus filhos?

Daí: atenção à família e aos demais elementos básicos da textura social. Falar em família será discurso burguês? Sejamos honestos: ter uma família sadia é o sonho de qualquer um, não só da classe média – e quanto à saúde das famílias de classe média, não tenho muitas ilusões.

Outra urgência: agentes competentes, honestos e dedicados, para atuar na organização da sociedade, ou seja, na Política (com grande P). Mandatários políticos qualificados. O cristão não pode ficar alheio à vida política e, se for o caso, deve até arriscar sua pele assumindo um mandato. E todos têm de escolher aqueles que merecem a confiança, para o bem da sociedade toda – em primeiro lugar, das vítimas da desigualdade.

Conclusão: como cristãos temos de aprofundar nossa ligação com Jesus, o Cristo. Não apenas no sentido de uma “cultura” ou “inspiração cristã”, o que seria insuficiente, mas no sentido de ter o próprio Cristo como referência primeira da nossa vida. Tê-lo sempre diante dos olhos como presença permanente e critério de nossas escolhas na prática da vida. Sermos “místicos e cristicos”. Então veremos a vida à luz de Cristo e agiremos, em relação a nós mesmos, à comunidade cristã e ao mundo, como “filhos da luz”, com a clarividência e adequação que a luz de Cristo e seu espírito nos proporcionam.